

Perambulações sobre as Noções de Desamparo na Teoria Psicanalítica

Reflections on the Concepts of Helplessness in Psychoanalytic Theory

Reflexiones sobre los Conceptos de Desamparo en la Teoría Psicoanalítica

Cindy Dalila Mastrogiasomo¹ , Fabio Scorsolini-Comin² 

Resumo: Considerando que na literatura psicanalítica clássica o desamparo é um estado fundamental do psiquismo humano, este estudo teve como objetivo investigar os possíveis avanços dos estudos contemporâneos em psicanálise acerca desse conceito. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão narrativa amparada na literatura clássica em psicanálise e com o apoio de buscas nas bases/bibliotecas Biblioteca Virtual de Psicanálise e Scientific Electronic Library Online. Foram recuperados, para leitura integral, 18 artigos publicados entre 1999 e 2024, nos quais se identificou a influência de três autores clássicos centrais: Sigmund Freud, presente em 13 artigos; Jacques Lacan, em seis; e Donald Winnicott, em três. Dentre esses, foram priorizados Freud e Winnicott. Os resultados demonstraram coesão entre as definições dos autores clássicos da área e, adicionalmente, permitiram observar que os estudos atuais ampliam o tema ao relacionar o desamparo às problemáticas da era pós-moderna, reconhecendo fatores contemporâneos que podem desencadear essa condição.

Palavras-chave: psicanálise; cuidado da criança; saúde mental; teoria psicanalítica; solidão.

Abstract: Given that, in classical psychoanalytic literature, helplessness is a fundamental state of the human psyche, this study aimed to investigate the potential contributions of contemporary psychoanalytic research to this concept. To this end, a narrative review was conducted, drawing on classical psychoanalytic literature and supported by searches in the Virtual Library of Psychoanalysis and the Scientific Electronic Library Online. Eighteen articles published between 1999 and 2024 were retrieved for full reading, in which the influence of three central classical authors was identified: Sigmund Freud, present in 13 articles; Jacques Lacan, in six; and Donald Winnicott, in three. Among these, Freud and Winnicott were prioritized. The results demonstrated consistency among the definitions provided by the classical authors in the field and, furthermore, revealed that current studies broaden the scope of the topic by linking helplessness to the challenges of the postmodern era, recognizing contemporary factors that may trigger this condition.

Keywords: *Psychoanalysis; Child Care; Mental Health; Psychoanalytic Theory; Loneliness.*

Resumen: Teniendo en cuenta que, en la literatura psicoanalítica clásica, el desamparo es un estado fundamental de la psique humana, el objetivo de este estudio fue investigar los posibles avances de los estudios contemporáneos en psicoanálisis en torno a este concepto. Para ello, se llevó a cabo una investigación bibliográfica de tipo revisión narrativa basada en la literatura clásica del psicoanálisis y con el apoyo de búsquedas en las bases de datos y bibliotecas Biblioteca Virtual de Psicanálise y Scientific Electronic Library Online. Se recuperaron, para su lectura íntegra, 18 artículos publicados entre 1999 y 2024, en los que se identificó la influencia de tres autores clásicos fundamentales: Sigmund Freud, presente en 13 artículos; Jacques Lacan, en seis; y Donald Winnicott, en tres. Entre ellos, se dio prioridad a Freud y Winnicott. Los resultados demostraron cohesión entre las definiciones de los autores clásicos del área y, además, permitieron observar que los estudios actuales amplían el tema al relacionar el desamparo con las problemáticas de la era posmoderna, reconociendo factores contemporáneos que pueden desencadenar esta condición.

Palabras clave: psicoanálisis; cuidado infantil; salud mental; teoría psicoanalítica; soledad.

¹Psicóloga pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Mestranda em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Bolsista de Mestrado da Capes. E-mail: cindy.mastrogiasomo@alumni.usp.br

²Psicólogo, Mestre, Doutor e Livre-Docente em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor Associado da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Orientador do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Universidade de São Paulo. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: fabio.scorsolini@usp.br

Recebido em: 09/12/2025 | **Alterado em:** 18/03 e 03/07/2026 | **Aceito em:** 13/07/2026

Introdução

Nas discussões sobre saúde mental, a compreensão da constituição psíquica do sujeito permanece como um eixo significativo de investigação. Nesse contexto, o termo desamparo (*Hilflosigkeit*) é descrito na literatura psicanalítica, desde os primeiros escritos de Freud, como um estado básico e fundamental do indivíduo, configurando-se como uma dimensão constitutiva da estrutura psíquica. Trata-se de um conceito central, sobretudo em uma sociedade marcada pela fragilidade dos vínculos e pelo excesso de estímulos. Diante desse cenário e considerando a importância do reconhecimento da própria subjetividade e do sofrimento na sociedade, este estudo tem como objetivo investigar como a literatura psicanalítica define o desamparo e quais avanços essa teoria apresenta em sua compreensão contemporânea, por meio de uma revisão narrativa. Nesse percurso, serão priorizados autores como Freud e Winnicott devido às suas contribuições significativas para a ampliação da compreensão do desamparo.

Embora o tema já estivesse presente nas obras iniciais de Freud, ganha maior destaque em textos como *Inibição, sintoma e angústia*, *O futuro de uma ilusão* e *O mal-estar na civilização* (Menezes, 2021). Nessas obras, o desamparo é associado tanto à condição simbólica da linguagem, dada a pertinência da comunicação para a existência, quanto às situações traumáticas, resultantes do acúmulo de pulsões não simbolizadas. Frente a essas formulações freudianas, que vinculam o desamparo às vivências infantis, ao cuidado, à proteção social e ao imaginário religioso, Winnicott desenvolve o conceito considerando a influência do ambiente. Para Winnicott (1999), o desamparo está ligado à experiência da passagem da criança em relação ao ambiente ser insuficientemente satisfatório para a fase de amadurecimento. A seguir, o percurso metodológico adotado será apresentado.

Percurso metodológico

Para o alcance dos objetivos, foi conduzida uma pesquisa bibliográfica por meio de uma revisão narrativa, empregada quando se busca reunir evidências a respeito de determinado fenômeno que não necessariamente podem ser recuperadas por meio de estratégias de busca e seleção que se apoiam na premissa da prática baseada em evidências, tipicamente presente em revisões integrativas ou sistemáticas, por exemplo, mas comumente encontradas em estudos das ciências da saúde (Rother, 2007; Scorsolini-Comin, 2021). A revisão narrativa, desse modo, busca uma articulação entre métodos tradicionais de rastreio e elegibilidade com a adoção de estratégias menos sistematizadas que permitem a ancoragem em uma literatura mais tradicional acerca de temas nas ciências humanas. Assim, o presente delineamento foi apoiado em textos clássicos da psicanálise, como os aqui referidos, sobretudo da autoria de Freud e Winnicott, além de uma busca em bases de dados capazes de recuperar estudos atuais a respeito do tema.

O levantamento empreendido adotou três procedimentos iniciais: (1) a busca de artigos em duas bases/bibliotecas principais, sendo elas a Biblioteca Virtual de Psicanálise (BiViPsi) e a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); (2) a leitura dos resumos dos artigos encontrados, com o objetivo de verificar a relevância da temática para o presente trabalho; e (3) a análise dos artigos de natureza qualitativa, com fichamentos e aprofundamento orientados pela pergunta de pesquisa sobre a temática. Para a busca, utilizaram-se os descritores: (i) *falta e desejo*, (ii) *desamparo e solidão* e (iii) *desamparo e falta*.

Foram encontrados 21 artigos, sem recorte temporal específico. Esses textos foram lidos em termos de títulos e resumos, sendo selecionados apenas aqueles diretamente relacionados aos objetivos da revisão, permanecendo, no *corpus* final, 18 publicações. Enfatiza-se que os textos clássicos psicanalíticos foram construídos em tempos em que os papéis de gênero ainda não eram tão fortemente questionados, principalmente o papel materno. Dessa forma, os termos designados ao papel materno e atribuídos à responsabilidade pelo cuidado do bebê foram atualizados para a palavra cuidador.

Resultados

Na base BiViPsi, com os descritores *falta* e *desejo*, foram localizados três artigos publicados nos anos de 2016, 2019 e 2022. Na mesma base, utilizando os descritores *desamparo* e *falta*, foram encontrados cinco artigos, publicados em 2012, 2018, 2020 e 2024. Ainda na BiViPsi, a busca por *falta* e *desejo* resultou em quatro artigos publicados em 2023 e 2024. Na base SciELO, os descritores, *falta* e *desejo*, retornaram em apenas um artigo, de 2019, enquanto *desamparo* e *solidão* resultaram também em um único artigo, de 2023. Já os descritores *desamparo* e *falta* obtiveram quatro artigos publicados em 1999, 2006, 2008 e 2023. O período 2019-2023 concentra a maior parte dos estudos, indicando atualização teórica, com destaque para o ano de 2024 com quatro publicações.

A Tabela 1 apresenta a caracterização do *corpus* analítico com autor e ano, objetivo e principais autores referidos. Os autores mais mencionados foram Sigmund Freud, presente em 13 artigos (39,9% da amostra), seguido por Jacques Lacan, citado em seis artigos (18,18%), e Donald Winnicott, em três artigos (9,09%). André Green e René Roussillon aparecem em dois artigos (6,06%), enquanto Jacques André, Sándor Ferenczi, W. R. Bion, Héctor Yankelevich, Gérard Pommier, Pierre Benghozi e Joel Birman são citados como teóricos principais, cada um em um único trabalho (3,03% cada).

Tabela 1. Artigos selecionados

Autor e ano	Objetivo	Principais autores
Palacio (2022)	Discutir a mudança epistemológica de uma visão centrada do sujeito (histórica, filosófica e cartesiana) para uma leitura psicanalítica lacaniana, onde o desejo e a falta colocam o sujeito em permanente descentralização.	Jacques Lacan
Vitorello (2019)	Discutir principalmente que o encontro traumático presente na confusão de língua entre os adultos e a criança proposto por Sándor Ferenczi é compatível com uma concepção lacaniana do trauma que está ligada ao real e ao impossível da relação sexual.	Sándor Ferenczi, Jacques Lacan
Masiero (2016)	Refletir sobre como o desejo tem se constituído nas crianças e nos adolescentes, bem como o lugar dos pais, na contemporaneidade.	Sigmund Freud
Hack (2023)	Investigar como a capacidade de estar só se desenvolve na infância e como se diferencia do sentimento de solidão.	Donald Winnicott
Herrera (2023)	Discorrer sobre a experiência de análise durante um período de sete anos, com um paciente em extremo sofrimento mental, sentimentos de solidão e desamparo.	Sigmund Freud, André Green, Jacques André, W. R. Bion
Silva (2020)	Refletir sobre o sentimento de solidão, com considerações sobre o desamparo psíquico, o luto normal e a melancolia, enfatizando sobretudo as estruturas clínicas neurótica histérica e o luto patológico, melancólico.	Sigmund Freud, André Green
Paim Filho et al. (2020)	Analisar, a partir dos conceitos freudianos de narcisismo e das pulsões de vida e de morte, os efeitos psíquicos do isolamento social na pandemia e refletir sobre suas implicações para o retorno à vida cotidiana e para o futuro da psicanálise.	Sigmund Freud
Rubio (2024)	Examinar como as idealizações contemporâneas de autonomia e completude impactam a constituição psíquica, distinguindo duas abordagens clínicas: uma voltada a suprir a carência e outra à construção e preservação da falta simbólica.	Sigmund Freud, Jacques Lacan, Héctor Yankelevich, Gérard Pommier
Leguizamón (2022)	Analisar como o capitalismo produz aflições da vontade manifestadas em impotência, desamparo e perda de sentido e investigar seus efeitos na constituição do desamparo coletivo e na dinâmica das comunidades.	Sigmund Freud, Jacques Lacan

Continua...

Tabela 1. Continuação

Autor e ano	Objetivo	Principais autores
Boianovsky (2020)	Analisar, com base na correspondência entre Einstein e Freud, como o desamparo, a castração e a recusa da falta estruturam o psiquismo e influenciam as manifestações de ódio e destrutividade na sociedade contemporânea.	Sigmund Freud
Riter (2018)	Refletir acerca de algumas possibilidades de significação para o ato de cortar a própria pele, considerando também o fenômeno da adolescência.	Sigmund Freud, Donald Winnicott, René Roussillon
França (2012)	Examinar como o desamparo humano se manifesta tanto em sua condição originária quanto em experiências circunstanciais, discutindo suas implicações transferenciais e os desafios técnicos para a condução analítica.	Sigmund Freud, Donald Winnicott
Durán (2019)	Identificar e articular certas conceptualizações relacionadas com a noção de desejo nos primeiros textos de Lacan, na medida em que se relacionam com a teoria dos sonhos de Freud e com as noções de desejo desenvolvidas por Hegel e Santo Agostinho.	Sigmund Freud, Jacques Lacan
Emidio et al. (2023)	Analisar o impacto do confinamento doméstico provocado pela pandemia de covid-19 sobre o exercício da maternidade em mulheres trabalhadoras em situação de home office.	Pierre Benghozi, Joel Birman
Terêncio (2023)	Refletir sobre a função da fantasia na psicanálise a partir do contato de Lacan com a obra do artista René Magritte, e especificamente, com o quadro <i>La condition humaine</i> (1933).	Sigmund Freud, Jacques Lacan
Benhaim (2008)	Analisar como o desamparo vivido na infância, especialmente ligado à falha da função materna, pode se manifestar na adolescência.	Sigmund Freud
Marty (2016)	Analisar como a violência expressa por adolescentes está relacionada ao desamparo psíquico e à falta de apoio adulto.	René Roussillon
Marin (1999)	Refletir sobre a violência na sociedade contemporânea, entendendo-a como uma forma possível do sujeito dar conta da situação de desamparo provocada por exigências pulsionais crescentes o que o expõe, portanto, a um excesso de excitação.	Sigmund Freud

Discussão

A revisão empreendida permitiu observar que Freud, Winnicott e Lacan ocupam posição central na literatura sobre o desamparo, cada um contribuindo de forma particular para a compreensão desse fenômeno. Freud recebe maior ênfase nas discussões sobre o desamparo originário, a situação de perigo e a angústia; Lacan se destaca na elaboração da estrutura da falta e do desejo, enquanto Winnicott ressalta o papel do ambiente facilitador e da qualidade dos cuidados no desenvolvimento emocional infantil. Suas teorias dialogam entre si, possibilitando cruzamentos e complementações, sobretudo ao reconhecer que grande parte das discussões se concentra na origem do desamparo vinculada ao trauma do nascimento e em como essa experiência repercute ao longo da vida, articulando-se também com fatores sociais que intensificam essa condição.

Lacan e Winnicott, teóricos notáveis no cenário pós-freudiano, retomam e expandem as discussões inauguradas por Freud sobre a relação do sujeito com o objeto. Para esses autores, a noção de objeto não se reduz a algo exclusivamente interno ou externo; trata-se de uma construção que envolve simultaneamente ambas as dimensões, uma vez que sujeito e objeto se formam de maneira interdependente. Nessa perspectiva, não há um limite rígido entre o que pertence ao mundo interno e ao externo, pois ambos se constituem na relação com o outro e nos acontecimentos do mundo. Como afirma Klein (2025, p. 18), “se o objeto não pode ser objetivo, o sujeito tampouco o é: trata-se de pensar uma psicanálise afeita ao múltiplo e ancorada na dimensão social”. Reconhecer que o sujeito e o objeto são mutuamente atravessados pelo contexto social e pelas relações permite compreender que a prática psicanalítica não se limita ao consultório tradicional, devendo considerar interseccionalidades, vulnerabilidades e sofrimentos psíquicos que se ancoram em diferentes territórios e *settings*.

Contribuições de Freud e Winnicott para a compreensão do desamparo

Desde o início da vida, o bebê depende do objeto protetor por ser biologicamente imaturo, o que amplia sua condição de desamparo e intensifica sua dependência do outro para se proteger dos perigos externos. Essa dependência não é apenas biológica, mas simbólica, pois é por meio do outro que suas necessidades são nomeadas e significadas. Dessa forma, a constituição do Eu em relação ao Id acentua a centralidade do objeto protetor. Ao longo da vida, o desamparo se atualiza como uma experiência reconhecida e recordada, que impulsiona a angústia como reação ao trauma. Ao vivenciar a angústia como sinal de perigo, o Eu antecipa a repressão, que funciona como defesa diante de um excesso pulsional não simbolizado e ameaçador (Freud, 1926/2014). Considerando essas articulações, a teoria freudiana descreve o desamparo como uma condição estruturante do psiquismo, que se organiza em resposta a esse estado, estando conectado ao desenvolvimento infantil e à sexualidade traumática da primeira infância. Além disso, o desamparo também surge como elemento da abdicação pulsional exigida pela convivência social (Menezes, 2021).

Essa concepção é desenvolvida em *Inibição, sintoma e angústia*, de Freud (1926/2014), obra em que o autor analisa a percepção do bebê diante da situação de perigo relacionada à possível separação do objeto - a mãe - que, inicialmente, satisfaz todas as suas exigências. Ao vivenciar essa separação como ameaça, o bebê percebe-se impotente diante da insatisfação interna e das tensões pulsionais não descarregadas, o que evoca o trauma do nascimento. É por meio da linguagem, dos gestos, do choro e das vocalizações que ele expressa e convoca a mãe para aliviar o desconforto. Quando percebe que o objeto externo reduz suas tensões, surge um novo perigo: a possível perda desse objeto (Freud, 1926/2014). A angústia, inicialmente involuntária e automática, transforma-se em um recurso ativo de prevenção. Esse conjunto reflete o desamparo biológico e psíquico ligado à sobrevivência e ao vínculo com o cuidador.

Em *O futuro de uma ilusão*, Freud (1927/1996a) amplia a discussão ao abordar os elementos civilizatórios e destaca as doutrinas religiosas como produtos fundamentais das ilusões humanas. A religião reúne os desejos mais antigos da humanidade e retoma o anseio de proteção diante do desamparo no mundo, representado pela figura de um pai poderoso. Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930/1996a) aprofunda a relação entre desamparo infantil e proteção paterna, introduzindo ainda o papel do sentimento de culpa como resposta aos ideais sociais. Esse sentimento, muitas vezes gerado apenas pelo pensamento e não pela ação, revela a influência da dependência em relação aos outros, pois a perda do amor de quem se depende representa perigo.

Winnicott (2007), por sua vez, descreve que a subjetividade do sujeito se distorce entre o verdadeiro *self* e o falso *self*. O verdadeiro *self* corresponde a um ego seguro, à espontaneidade, à criação e ao sentir-se real, sendo sustentado por uma base psíquica estruturada, enquanto o falso *self* é caracterizado como uma adaptação ao mundo externo, funcionando como uma defesa destinada a resguardar o verdadeiro *self*. Para Winnicott (1999), o contexto subjetivo é o familiar, e é por meio dele que a personalidade pode desenvolver-se. Durante o desenvolvimento, frustrações podem reduzir a capacidade de adaptação da criança, especialmente quando o cuidador falha em ajudá-la a transformar o trauma em raiva simbólica, o que pode ocorrer em situações de negligência, perdas ou fortes abalos emocionais. Nessas circunstâncias, o trauma provoca uma ruptura na continuidade do ser, prejudicando a formação do verdadeiro *self*, que passa a ser encoberto.

Ao apurar os traumas e rupturas psíquicas, Winnicott (1999) afirma que o ambiente não produz uma tendência antissocial — comportamento destrutivo frente a um fracasso ambiental — contudo, descreve que o ambiente falho produz distorções do que é socialmente aprovado, relacionando-se a uma privação infantil. Essa tendência permite que o sujeito procure retornar inconscientemente ao momento em que foi privado no passado. Por exemplo, um sujeito que cresceu em um ambiente excessivamente privativo tende a permanecer em um estado de neutralidade e, dessa forma, concordar com tudo o que lhe é imposto, visto que, quando criança, não tinha uma alternativa.

Ao considerar essas implicações, nota-se que a saúde psíquica não pode ser entendida isoladamente do ambiente em que o indivíduo cresce. No início, a vivência no mundo é subjetiva e, posteriormente, a criança

torna-se capaz de avaliar a realidade e distinguir o eu e o não-eu. Em outras palavras, uma pessoa considerada saudável é capaz de adaptar-se às normas da sociedade, permitindo uma vida equilibrada entre renúncias e adaptação, contudo sem perder seus impulsos individuais, construtores do seu verdadeiro *self*. Quando o verdadeiro *self* se vê traumatizado, esconde-se do risco de ser novamente machucado; assim, o falso *self* torna-se um mecanismo de defesa efetivo e aceito pela sociedade, porém há um custo inconsciente que esse disfarce proporciona. Por isso, a ideia de saúde não está vinculada somente a doenças psíquicas, mas também à perda de impulsos individuais e de integralidade com a realidade (Winnicott, 1999). A seguir, os estudos identificados por meio da revisão serão apresentados e integrados a essa discussão.

O desamparo: do biológico ao social

O desamparo é descrito como uma consequência de um mundo que é supostamente livre, mas arquitetado por regras e normas institucionais, propagando uma liberdade limitadora previamente imposta por simbologias criadas e advindas do capitalismo. Essas simbologias agem na sociedade como um conector identitário e relacional acerca de interações com bens materiais (Palacio, 2022).

A revisão também trouxe aspectos sobre o narcisismo primário. Masiero (2016) utiliza a teoria freudiana para discorrer sobre como o desamparo está acoplado ao desejo. A autora aponta que o bebê nasce com a ignorância do mundo, possuindo somente seu corpo biológico que frequentemente vivencia o desamparo perante suas necessidades e o carecimento do investimento libidinal do desejo do outro. Assim, a construção do psiquismo demanda do desejo uma condição primordial para o desenvolvimento.

Riter (2018) ressalta que esse processo inicial com o bebê se relaciona ao conceito de desamparo apresentado por Freud já em seus primeiros trabalhos, destacando a condição de imaturidade biológica do bebê diante das demandas da vida, o que o coloca em uma etapa de vulnerabilidade e fragilidade. Para aprofundar o conceito de desamparo, Freud (1886/1996b) descreve que o psiquismo se constitui por meio da experiência de satisfação vivenciada na infância, quando a necessidade do bebê é suprida. Isso ocorre porque o bebê, sozinho, não é capaz de aliviar seus desprazeres. A fim de aliviá-los, o bebê comunica-se como pode, por exemplo, por meio do choro, e o cuidador o auxilia por meio de ações diante de seus estímulos externos, gerando uma descarga pulsional, no caso da fome, alimentando-o. Esse processo funda a dependência em relação ao outro e, de acordo com Freud, também os motivos morais, pois, quando não atendidas, as necessidades infantis intensificam o desamparo, uma vez que a busca por proteção se depara com a possibilidade de desvinculação.

Sobre os resultados morais originados do desamparo, Freud (1938/1996c) indica que no início da vida, o ego tem o papel de mediar o desprazer e os conflitos causados pelo id, representante do desejo e das pulsões, e o mundo externo, representante da realidade. No entanto, aproximadamente aos cinco anos, a criança vivencia uma mudança, na qual o mundo externo é integrado e introjetado ao ego, tornando-se parte de seu mundo interno e originando o superego. O superego cumpre a função que viria de seus cuidadores, exercendo o julgamento moral (Vitorello, 2019). Nesse sentido, a moral é concebida por meio da relação com o outro e com o meio social.

Rubio (2024) fortalece o argumento de que o desamparo se manifesta na necessidade de atender a normas sociais e é ligado à alienação imposta pela estrutura social e relações interpessoais, o que leva o sujeito à despersonalização e à perda de sua singularidade, afastando-o de seu próprio desejo. Lacan (1998) ressalta que é por meio da estrutura simbólica que se dá a primeira diferenciação do sujeito em relação aos demais animais. O motivo é que o sujeito, ao nascer e utilizar da linguagem, constitui-se em uma sociedade que apresenta a alternância entre presença e ausência e, assim, o desejo submete-se à falta sustentada pelo outro.

Da mesma forma, França (2012) destaca que essa etapa inicial é marcada pela fragilidade diante dos estímulos internos. Esses estímulos, produzidos pelo corpo e processados pelo sistema nervoso, exigem uma descarga pulsional. Essa descarga não apenas convoca o outro para oferecer cuidado, mas também funciona

como uma forma inicial de comunicação da dependência do bebê, estabelecendo a ligação entre as necessidades biológicas de cuidado e a dimensão comunicativa.

Ao abordar o desamparo perante o desejo do outro, Durán e Urriolagoitia (2019) exploram a teoria lacaniana para discutir a posição de vazio e falta de sentido gerada pela impossibilidade de corresponder completamente ao desejo do outro. Os autores apontam que a angústia se manifesta como um sinal de ausência de recursos frente ao outro desejante e que, então, a construção psíquica recorre ao conceito de fantasma criado por Lacan: um mecanismo de defesa psíquica ilusório em que a relação é estruturada pelo eixo sujeito-objeto diante do desejo inconsciente. O desejo não está fixado diretamente ao objeto, e sim ao fantasma, possibilitando a constituição do vínculo com o outro e procurando dar sentido ao vazio e à angústia provocados pelo desamparo gerado.

A dinâmica do desamparo, articulada ao outro desejante, é observável desde as primeiras manifestações da experiência do bebê. Essa condição de fragilidade não se restringe à infância, sendo o desamparo sofrido uma marca que sujeitos de todas as idades — bebês, adolescentes, adultos e idosos — buscam resguardar-se. No momento do nascimento, o bebê enfrenta múltiplos e inéditos estímulos que o levam a buscar equilíbrio diante dos desprazeres da vida fora do útero, como o frio e a fome. Para Boianovsky (2020), esse momento pode ser representado como um estado caótico derivado da pulsão de morte. Nessa experiência, vivencia-se um receio de destruição, no qual o *self*, sem compreender a diferença entre dentro e fora, busca, por meio das forças pulsionais voltadas para a satisfação, libertar-se dessa nova tensão. Esse bebê, que procura o estado de conforto já sentido antes, reage com a força de Eros (representada pela pulsão de vida), que o conduz a proteger-se do frio e a buscar alimento, protegendo-o do desamparo.

Nesse ponto, evidencia-se que desamparo não é visto apenas como biológico, mas também estrutural e relacional, e essa estrutura psíquica que se organiza entre Eros e Thanatos (pulsão de vida e pulsão de morte) movimenta a ambivalência entre buscar o alívio das frustrações e também ser suscetível a desorganizar-se. Terêncio (2023) aponta que, diante do profundo desamparo do nascimento, compreende-se um estado primitivo da angústia originária, que gera a dependência para que o bebê sobreviva e, diante disso, cria uma carência de amor que repercute até a morte, como já dissemos. Masiero (2016) complementa ao argumentar que existem duas condições de desamparo para a psicanálise: a condição existencial, quando o desamparo não é devidamente acolhido, afetando a estruturação subjetiva do sujeito; e a situação accidental, quando o desamparo ocorre pontualmente no cotidiano, em decorrência das demandas. Nesse último caso, o cuidador assume a responsabilidade de atender às necessidades da criança, além de tolerar o ódio e a frustração que podem surgir ao oferecer apenas o que ela necessita em cada momento, e não mais do que isso. Marin (1999) exemplifica essa situação ao mencionar o momento em que o cuidador oferece colo ao bebê que precisa adormecer e, apesar da recusa do bebê, evita acrescentar estímulos externos adicionais.

Silva (2020), por outro lado, articula o desamparo ao sentimento de solidão, retomando o tema da angústia da separação na infância. Para a autora, a angústia de separação vinculada ao temor da perda do objeto no começo da vida é um sentimento que representa, ao longo da existência, o desconfortável e necessário sentimento de solidão. Ao longo da vida, o ego age na atualização do sentimento traumático do desamparo na infância e, assim, a solidão prossegue sendo percebida diante da ausência do objeto idealizado em repetição.

A abordagem do desamparo na clínica psicanalítica contemporânea

Paim Filho et al. (2020) exploram a condição de desamparo como experiência coletiva, especialmente neste contexto da sociedade do consumo e do isolamento imposto pela pandemia de covid-19. Ao longo desse período, o virtual fortaleceu movimentos narcísicos do ego. As redes sociais sustentavam - e sustentam - formas de comunicação baseadas na crença ilusória de controle, crença que nem sempre aparece no contato presencial. Articulando esse cenário à conceituação freudiana, quando a libido fica retida no eu, surge

o desprazer e torna-se difícil investir afetivamente no outro. Para amar sem adoecer, é necessário preservar um equilíbrio psíquico, com uma dinâmica entre o eu e o mundo externo capaz de ultrapassar as satisfações imediatas; assim, ocorre um direcionamento saudável da libido para o real. Por isso, o aumento de queixas relacionadas à ansiedade, depressão e solidão foi significativo durante a pandemia (Emidio et al., 2023).

Nesse mesmo cenário de mal-estar contemporâneo, Leguizamón (2022) analisa como a lógica capitalista agrava o desamparo ao valorizar a rapidez e julgar a demora da produtividade como uma fraqueza, desconsiderando o sofrimento daqueles que não conseguem seguir o ritmo imposto por outros e dos que não encontram sentido no que fazem. A autora acrescenta que, na teoria lacaniana, o vazio produzido pela ausência de sentido gera tédio, fazendo com que o sujeito perca sua singularidade diante das regras do coletivo. O desamparo atual, marcado pela sociedade do consumo, também se expressa quando cada cultura, ao ter alcançado conquistas distintas ao longo da história, passa a olhar o diferente com desdém, gerando discórdias culturais. Na lógica do consumo, os ideais atuais são sustentados pelo capitalismo, que promove a ideia de suprimir a falta por meio do ato de consumir, delegando a instâncias externas o poder de decidir pela sociedade.

Na clínica, Herrera (2023) mostra que as frustrações da contemporaneidade reativam angústias de um ego infantil ainda não integrado, levando ao desamparo. Partindo para uma outra ótica, Marin (1999) discute esse conceito sob a perspectiva da violência como sintoma social. A dor, usual e intrinsecamente ligada à vida, assume um papel atual que se articula com a negação de uma violência fundamental, em que a frustração e a falta sejam sentidas como parte da construção da subjetividade. Os comportamentos destrutivos podem surgir como um mecanismo de declaração da própria singularidade, fundindo-se a metas de individualismo e autorrealização, ao mesmo tempo que provocam o sentimento de desamparo. Marin sugere que a recusa em aceitar as frustrações, cruciais para o desenvolvimento da mente, gera um vazio preenchido por violência, a qual se torna a maneira mais extrema de existência.

Marty (2006) aborda a temática da violência associada tanto ao desamparo quanto à complexidade do amadurecimento da própria subjetividade, que se torna relevante considerar no período da adolescência. A violência na adolescência é descrita pelo autor como uma defesa frente a angústia; dessa forma, o mecanismo psíquico de defesa é ativado e expresso por meio de objetos destrutivos. Isso ocorre porque há uma substituição da palavra diante da impossibilidade de simbolizar e elaborar internamente a angústia. O mecanismo destrutivo age, então, como uma forma de tentativa de simbolização daquilo que não pode ser elaborado e, assim, criar um sentido. Ou seja, acerca dessa defesa ativada, o outro passa a ser tomado como um objeto de projeção involuntário, funcionando como suporte dessa angústia para conteúdos ainda não elaborados internamente. Essa ação, quando compreendida na fase da adolescência, demonstra como o narcisismo atua na busca por prazer a fim de poupar-se das instâncias necessárias e exigidas para elaboração do trauma primário e defender-se contra as forças traumáticas retomadas na atualidade.

Sobre a associação entre violência e desamparo, o adolescente é frequentemente caracterizado como delinquente, contudo, essa caracterização é menos psicopatológica e mais social do que é apresentada. Nesse contexto, o adolescente age em desesperada e repetitiva busca do objeto perdido que seu psiquismo ainda não permitiu renunciar (Benhaim, 2008). A fantasia de ser amado na infância trabalha como uma ferramenta importante para o narcisismo saudável; no entanto, a perda do objeto ocasiona na dificuldade em lidar com frustrações. Dessa forma, o adolescente passa por um processo de reconstrução interna e integra-se em um vazio simbólico ocasionado pela ausência de referências e autoridades, e então, enxerga-se em um processo violento e destrutivo ao reorganizar seu mundo.

Essa contextualização sobre a ausência de referências protetoras na infância destaca como a violência do ódio infantil pode retornar com intensidade na adolescência, funcionando como uma tentativa de lidar com a dor que não pôde ser elaborada. Sem recursos psíquicos suficientes, o sofrimento é expresso em atos violentos. Hack (2023) complementa o raciocínio utilizando a teoria winnicottiana acerca do amadurecimento e da capacidade de estar só. Ao longo do processo do amadurecimento, a criança tem como base os cuidadores dispostos e envolvidos pela presença física e por ações, fornecendo recursos para que a criança tenha

a capacidade de gerar autonomia e de estar só frente aos desafios. Por isso, é destacado que os cuidadores respeitem as etapas de desenvolvimento da criança para o alcance da maturidade no momento adequado, com a liberdade de explorar a imaginação. Entretanto, aquelas crianças que não possuem essa oportunidade, crescem temendo o mundo e desamparadas.

Vemos, portanto, a definição de desamparo como uma condição interna e básica do ser humano e, embora siga fundamentada principalmente nos pressupostos freudianos, winnicottianos e lacanianos, a literatura contemporânea amplia esse entendimento. Em termos de avanços, o desamparo passa a ser compreendido não apenas a partir do trauma originário, mas também advindo de condições sociais como negligência, capitalismo e segregação. As relações interpessoais familiares continuam sendo centrais para explicar o trauma do nascimento e a ausência de cuidado adequado, porém surge a noção de um desamparo socio-político, vivido coletivamente, especialmente no contexto da pandemia, do consumismo material e da desigualdade econômica.

Quanto às lacunas identificadas, observa-se que os estudos recuperados ainda carecem de uma articulação mais consistente com políticas públicas ou com direcionamentos clínicos que possam se configurar como caminhos interventivos. Esse ponto é especialmente relevante porque o analista ocupa um papel fundamental no campo da saúde mental diante do desamparo contemporâneo. Sua prática recusa a ideia de uma saúde mental estática e universal, valorizando a singularidade e a subjetividade de cada sujeito. Ao mesmo tempo, o analista se opõe à posição de doutrinador, e deve atuar de forma ética ao responder às demandas que surgem, sem perder de vista os princípios técnicos que estruturam sua formação e que são essenciais para o cuidado (Brandão Junior & Besset, 2012).

Ademais, há uma ausência de aprofundamento nos artigos da revisão que abordem a diversidade dentro da experiência do desamparo, especialmente no que diz respeito a questões de raça, classe econômica e desigualdade, em um olhar interseccional. Faustino e Rosa (2023) ressaltam que não se deve adotar uma visão simplista de que o sofrimento social decorre apenas das normas impostas pela sociedade, cotejando um processo político que pode excluir e desumanizar determinados grupos. Oliveira e Alves (2025) discutem que o ideal de ego branco surge historicamente com a expansão colonial europeia, impondo-se como modelo de existência superior às demais culturas e produzindo o racismo social, em vez de preservar a importância da diferença e da diversidade. Esse ideal não beneficia nem mesmo a população branca, pois opera como um mecanismo de controle social baseado em uma fantasia de superioridade, desviando o olhar dos problemas reais que continuam a se agravar: ambientais, sociais e econômicos. Os autores apontam ainda que, diferentemente do ideal de ego branco, outros grupos não produziram um modelo equivalente que busca estender-se sobre toda a sociedade, indiciando como esse ideal se mantém como força estruturante da discriminação.

Considerações finais

A síntese da literatura apresentada destaca que o desamparo não se restringe à dimensão individual ou coletiva, mas atravessa as experiências de grupos historicamente e institucionalmente excluídos, considerados como não pertencentes ao reconhecimento social por não corresponderem ao ideal de ego normativo imposto, justamente algo que a própria psicanálise contesta ao reafirmar a importância da singularidade de cada sujeito. Embora existam pontos de convergência na vivência do desamparo, essa condição não é linear nem igual para todos, sobretudo para aqueles que enfrentam desafios que ultrapassam questões como o uso excessivo de telas ou o consumismo. Esses sujeitos convivem diariamente com sistemas marcados por desigualdades, que produzem um desamparo enraizado nas estruturas sociais que se apresentam como neutras, quando, na realidade, sustentam sofrimentos de origem política. Nesse sentido, as contribuições da revisão evidenciaram que o desamparo é um fenômeno intensificado pelas fragilidades sociais e políticas, ressaltando a importância do papel do analista em reconhecer tanto suas origens quanto seus atravessamentos que

ultrapassam o intrapsíquico. Outro aspecto relevante é que a revisão conseguiu ampliar o olhar para além do que a teoria clássica já apontava; contudo, essa ampliação ainda não foi suficiente para produzir evidências que escapem de uma compreensão homogênea da experiência do desamparo.

Referências

- Benhaim, M. (2008). O materno e a delinquência. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 11(1), 9-16. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982008000100001>
- Brandão Junior, P. M., & Besset, V. L. (2012). Psicanálise e saúde mental: contextualizando o atendimento às demandas. *Psicologia USP*, 23(3), 523-538. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642012000300006>
- Boianovsky, D. (2020). Mais uma vez, por que a guerra?: why war?. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 147-155.
- Durán, E. M. F., & Urriolagoitia, G. (2019). La función del deseo en la primera enseñanza de Lacan para el psicoanálisis de orientación lacaniana. *Revista Ajayu*, 17(2), 387-423.
- Emidio, T. S., Okamoto, M. Y., & Santos, M. A. (2023). Solidão e sobrecarga materna em tempos de pandemia de COVID-19 à luz da escuta psicanalítica dos vínculos. *Psico-USF*, 28(3), 505-520. <https://doi.org/10.1590/1413-82712023280307>
- Faustino, D. M., & Rosa, M. D. (2023). O mal-estar colonial: racismo, indivíduo e subjetivação na sociabilidade contemporânea. *Psicologia & Sociedade*, 35, 1-17. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35e275160>
- França, M. O. F. (2012). As duas vias do desamparo: uma contribuição clínica. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19(2), 415-430.
- Freud, S. (1996a). O Futuro de uma Ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (Jayme Salomão Trad.). In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Imago. (Trabalho original publicado em 1927/1930)
- Freud, S. (1996b). Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (Jayme Salomão Trad.). In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Imago. (Trabalho original publicado em 1886)
- Freud, S. (1996c). Esboço de psicanálise (Jayme Salomão Trad.). In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Imago. (Trabalho original publicado em 1938)
- Freud, S. (2014). *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos*. (Paulo César de Souza Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Hack, S. M. P. K. (2023). A solidão na infância contemporânea: dilemas e desafios. In *Publicação CEAPIA: Revista de Psicoterapia da Infância e da Adolescência*, (32), 171-178. <https://doi.org/10.29327/288420.32.3>
- Herrera, F. B. G. (2023). Um estranho e belo rapaz – mal-estar e narcisismo. *Revista Multiverso*, 6, 34-49.
- Klein, T. (2025). O objeto entre Lacan e Winnicott: para além do solipsismo na teoria e clínica psicanalítica. *Revista Tempo Psicanalítico*, 57, e-946. <https://doi.org/10.71101/rtp.57.946>
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. (Vera Ribeiro Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Leguizamón, B. I. Z. (2022). Aflicciones de la voluntad y lazo social en el capitalismo. *Revista de Psicoanálisis*, (22), 161-178. <https://doi.org/10.15446/djf.n22.112845>
- Marin, I. S. K. (1999). Sujeito, desamparo e violência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2(3), 75-88. <https://doi.org/10.1590/1415-47141999003005>
- Marty, F. (2006). Adolescência, violência e sociedade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(1), 119-131. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000100009>
- Masiero, F. C. (2016). Desejo ou completude? Impasses do desejo na contemporaneidade. *Revista do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre*, 23, 81-100.
- Menezes, L. S. A. (2021). Por uma visão freudiana da dimensão do desamparo no psiquismo e o aspecto sociopolítico do sofrimento. In E. B. V. C. et al. Campos (Org.), *Psicanálise em face ao desamparo e seus destinos* (pp. 17-42). Editora da Unesp. <https://doi.org/10.7476/9786557140567>

- Oliveira, M. D. M., & Alves, C. (2025). Entre o ideal de ego branco e o deus cristão: o sentido antitético do racismo. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 28. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4414-2025-290494>
- Paim Filho, I. A., Varaschin, D. A., Protas, J. S., Ullrich, L., Nunes, L. N. de, Fontana, P. F., & Israel, T. N. C. (2020). Como será amanhã? Responda quem puder... *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 22(2), 41-46.
- Palacio, G. D. G. (2022). Entre centramiento y descentramiento: El deseo como des (eo) centrado. *Revista de Psicoanálisis*, (22), 179-192. <https://doi.org/10.15446/djf.n22.112846>
- Riter, H. D. S. (2018). Automutilação na adolescência: o desamparo e as tentativas de existir. *CEAPIA: Revista de Psicoterapia da Infância e da Adolescência*, (27), 101-112.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v-vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Rubio, J. M. (2024). De amores y desamparo. *Controversias en Psicoanálisis de Niños y Adolescentes*, (34), 60-70.
- Scorsolini-Comin, F. (2021). *Projeto de pesquisa em ciências da saúde: guia prático para estudantes*. Vozes.
- Silva, M. A. (2020). Reflexões psicanalíticas sobre a solidão. *Revista Multiverso*, 3, 97-105.
- Terêncio, M. G. (2023). A fantasia e “a condição humana”: a psicanálise em contato com a obra de René Magritte. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, 6, 1-24. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.e221164>
- Vitorello, D. M. (2019). O trauma perante o desejo do Outro e o traumatismo perante a paixão do outro: articulações entre Ferenczi e Lacan. *Trieb*, 18(1-2), 197-211.
- Winnicott, D. W. (1999). *Tudo começa em casa*. (Paulo Sandler Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986)
- Winnicott, D. W. (2007). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (Irineo Constantino Schuch Ortiz Trad.). Artmed. (Trabalho original publicado em 1979)